

VIDAS NA FRONTEIRA – MEMÓRIAS RECONSTRUÍDAS

Cléria Botelho da Costa*

Resumo

Este artigo tem como objetivo reconstruir as lembranças de trabalhadores rurais sem-terra integrantes do Movimento dos Sem-Terra que vivem em Mato Grosso do Sul. Essas lembranças foram coletadas por meio da história oral e foram analisadas dentro do quadro da memória. Por meio da reconstrução das lembranças dos sem-terra, desejo contribuir para a recriação do passado desses trabalhadores no presente e repassar a sua história para as gerações futuras.

Palavras-chave

Sem-terra; memória; Movimento dos Sem-Terra; passado.

Abstract

The present article aims to reconstitute the recollections of rural workers who integrate the Landless Movement (MST) in the state of Mato Grosso do Sul. The recollections of MST members were gathered by means of oral history and were analysed as part of memory. Through the mechanism of reconstruction of the landless' recollections, we intend to contribute to the re-creation of their past in the present and to fill the gap between present and future.

Key-words

Landless; memory; history; Landless Movement.

*Quando eu vim de minha terra
Despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaias
Lá, tinha a revolução
Enfrentei forte batalha
ai, ai...*

Milton Nascimento e Paulo Vanzolini, “Cuitelinho”

Em julho de 1993, parte do sonho de trezentos trabalhadores rurais se transformara em realidade. Surgiu o “assentamento” de Indaiá, em Mato Grosso do Sul. Contudo, a história de lutas daqueles homens e mulheres iniciou-se bem antes, quando ainda viviam em outros lugares, e hoje, 2003, sua história anterior sobrevive na memória de cada um, sob a forma de lembranças. É dessas lembranças do tempo em que viviam em outros lugares, em que eram trabalhadores rurais sem terra – ou seja, das experiências do outrora como liame entre as gerações do passado e as do presente – que vou me ocupar neste texto.

Criado para ser lavrador

E o outrora deles? “O que passou não conta?”, indaga Thiago de Mello.¹ Comungo das idéias desse poeta, quando afirma que o passado “não deixa de valer nunca e muito nos ensina”. Por isso, vou me ater ao outrora daqueles homens e mulheres, embora ele nunca se efetive desvinculado do presente e do futuro.

O Sr. Pedro falou pacientemente de sua vida antes de chegar ao Mato Grosso do Sul. Muita coisa ele viveu, sentiu e contou:

Nasci no estado do Ceará, vim de lá com 5 anos e fui para o Paraná. Chegando lá, a primeira coisa que meu pai fez foi me colocar um cabo de carabina na mão para ajudar a defender a terra dos posseiros de Porecatu, nos anos 50. Antes de chegar aqui, andei muito pelo mundo encarando muitas dificuldades. Meu pai nunca teve terra no Ceará, quem tinha era meu avô, pai dele. No Paraná meu pai continuou trabalhando na terra, formando café, deixamos muitos patrão ricos e ficamos só com o sacrifício, a canseira e o trabalho. Ele sempre dizia para os filhos: “vamos para a roça porque filho de lavrador só pode ser lavrador, que é só o que nós sabe fazer ...” (Agosto de 1991)

Nesse relato, o Sr. Pedro narrou sua trajetória social – vivências no Ceará e no Paraná – antes de chegar nas terras pantaneiras, evocou sua lida com a terra, iniciada desde tenra idade, e mostrou que a profissão de lavrador é um legado de seu pai e de seu avô. Não era

preciso possuir a terra para amá-la, bastava que ela fosse o seu trabalho. Assim, o pai do Sr. Pedro, mesmo não tendo um pedaço de chão, sendo explorado pelo patrão, que ficava com parte de sua produção e de seu trabalho, não deixava de transmitir aos filhos os ensinamentos sobre a vida no campo e, com eles, todo o apego que tinha à terra. Na experiência cotidiana, os pais legavam aos filhos tradições, crenças, saberes sobre o cultivo da terra, enfim, a cultura do mundo rural, o que lhes permitia que continuassem aspirando a ser “homens da roça”.

Essa narrativa mostrou ainda que a coragem, a resistência, o espírito de luta também são repassados pelos pais aos filhos e, na ânsia de transmiti-los, nem as crianças eram poupadas de irem à luta. Elas estavam presentes em todos os momentos difíceis, como quando o próprio narrador recebeu do pai, aos 5 anos, uma carabina e foi conduzido a participar de uma forte luta que se desencadeou, no Paraná, entre posseiros e fazendeiros nos anos 50, luta conhecida nacionalmente como a revolta de Porecatu.² Essa experiência foi acumulada e, quando objeto de reflexão de hoje, muito ajuda a encaminhar as práticas da luta pela terra no presente.

O lavrador Valdeci Batista compôs a letra de uma música denominada “Um pedaço de chão”, que mostra a importância da terra na transmissão das tradições de “homem da roça”:

Partindo da necessidade
De ter um pedaço de chão
Para dar o sustento aos filhos
Para os filhos da nossa nação

Cansado de pôr a enxada
Na terra apenas do patrão
E ver chegar o fim do ano
Tantos desenganos sem nenhum tostão

Sem terra estão se organizando
De norte ao sul desse país
Para derrubar o latifúndio
Que deixa o povo sem raiz.

Cansados de tantas promessas
E ver tanta enganação,
Jogada de politíqueiros
Que o tempo inteiro rouba essa nação

E o vento fazendo companhia
Em cima de um caminhão,
No peito, vai muita vontade
De ver o fruto desta ação.

A letra dessa música é uma interpretação da experiência coletiva de vida e das aspirações desses trabalhadores. Em outros termos, ela trata das necessidades de grande parte dos lavradores de terem um pedaço de chão para sustentar os filhos, de se organizarem para conquistá-lo e do desejo de acabar com o latifúndio. Demonstra o despertar, naqueles homens, de um mundo de crenças nas falsas promessas de “polítiqueiros”, na crença de que seu “destino” seria sempre colocar “a enxada na terra do patrão” para um mundo onde a organização deles, aliada à crença no extermínio do latifúndio e na preservação de suas tradições, fosse uma realidade. Desse modo, estabeleciam uma outra direção para a história deles mesmos.³

No caso desses lavradores, enquanto sujeitos sociais, escolhem e forjam um caminho, o da luta pela terra para nela se manterem, para acabarem com o latifúndio em vez de ficarem acreditando no “acaso” e/ou nas benesses dos políticos da região. Nesse sentido, não só forjam como também escolhem o rumo de suas lutas.

Na música, o lavrador argumenta, também, que tinham muita fé na ação coletiva, a qual, aliada à bravura e “muita vontade” deles, os conduziria ao “Porto das Esperanças”. Nessa terra, eles não perderiam suas raízes, suas tradições, continuariam como lavradores, atividade aprendida com seus ancestrais, assegurando a transmissão a seus descendentes.

Nela estaria garantida a preservação de seus saberes – olhar para o céu em busca de sinais de chuva ou seca, saber entender a Lua, a época propícia para plantar e colher, saber usar e negociar os frutos de seu próprio trabalho, entre outros. Desse modo, estariam asseveradas a própria identidade do trabalhador/morador da terra, as suas tradições, a sua memória e a esperança de seus descendentes também serem lavradores.

Vale destacar que essa letra identifica os trabalhadores sem-terra como também filhos da nação, ou seja, como brasileiros, que, enquanto tais, têm direitos – entre eles, um pedaço de chão para trabalhar. Ela aponta, ainda, a oposição que fazem entre pobreza (“Necessidade, desengano”, “sem nenhum tostão”, “sem raiz”) e latifúndio, pobreza e poder, além de valorizar a força, a vontade e a ação dos trabalhadores rurais.

As estrofes dessa música ainda fazem perceber que o mito do lugar de abundância ia além dos pressupostos de riqueza material e passava, indubitavelmente, pela leitura mística da nova terra como lugar da salvação. Enfim, nesse canto, eles clamam pelo direito de seus descendentes também vivenciarem a terra como negócio, liberdade e cultura, como um modo de vida.

Não se trata de uma paródia e o autor da letra é o mesmo da melodia. O ritmo assemelha-se a uma toada e, em geral, é acompanhado do som de uma viola. Não é uma música do gênero denominado sertanejo, para assim distinguir-se de outras, dirigidas primordialmente ao público urbano, que tem sua origem na histórica dualidade sociocultural representada pela velha oposição entre a cidade e o campo.⁴ É uma música que, ocupando-se das agonias nas lutas pela terra, faz referências à “enganação” e ao roubo dos políticos do país, à existência de patrões. Nessa medida, faz observações sobre a realidade social: a distinção entre os proprietários e os trabalhadores que apenas trabalham, ou seja, que desempenham somente partes do processo produtivo, mas não sua totalidade, da qual o proprietário se apropriou. Dessa forma, não faz distinção entre o campo e a cidade, os quais têm como substrato a ordem capitalista em que vivemos.⁵

Embora, no campo, a expropriação se faça mais freqüentemente sob a forma de apropriação do produto da colheita, de arrendamento ou expropriação da terra, de seus saberes e da memória – enquanto na cidade ocorre mais freqüentemente pelos baixos salários, pelo prolongamento da jornada de trabalho, da produção em série e outros –, tanto o trabalhador urbano quanto o rural, mesmo sob diferentes formas, são forças de trabalho exploradas pelo capital. E essa percepção parece estar clara para os lavradores de Indaiá, quando, em suas canções, clamam pela “aliança operário-camponesa” e não fazem distinção entre a exploração na cidade e no campo.

O Sr. Valdir Lucas, um trabalhador rural que desde 1992 integra a direção do Movimento dos Sem-Terra, relatou como se tornou lavrador. O relato, interrompido por silêncios constantes, mostra que sua dignidade é poder contar a vida de lutas:

Eu nasci no Paraná, debaixo de um cafezal. Meu pai era do Rio Grande do Norte e foi para lá em busca de um pedaço de terra. Lá, ele já tocava terra dos outros. No Paraná, ele trabalhava de arrendamento⁶ numa plantação de café. Lá, nós moramos muitos anos. Desde que eu tinha quatro anos de idade, o pai já me levava para ajudar ele na roça. Eu tocava as aves do roçado, abria cova para o milho, para o arroz e outras coisas mais. Não tinha moleza não! Ainda dava água para os animais. Escola, eu só fui dois anos, só aprendi a ler um pouquinho e assinar meu nome. Aos treze anos, em 1980, já vim para o Mato Grosso porque se falava que aqui tinha facilidade pra se pegar um pedaço de terra porque eu sempre tive vocação de trabalhar na terra... (Julho de 1992)

O relato de Valdir foi entrecortado por pausas, como se o outrora, ainda recente, fosse difícil de ser verbalizado. A sua memória passa expressivamente por parte da infância vivida no Paraná, por ter deixado, aos 13 anos, o lugar onde nascera e ingressado na luta pela terra no Mato Grosso do Sul. Assim, parecia ser mais fácil falar do que ele é hoje do que daquilo que já foi. Contudo, mesmo mostrando dificuldades em falar do passado, ele não pode

separá-lo do presente; o relato expressa o seu pensamento atual sobre o passado. Isso me faz entender que, na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui-e-agora.

Mesmo que Valdir se esforçasse para recuperar essas lembranças tal como “real” e “objetivamente” foram, seria impossível fazê-lo, pois o passado e o presente se determinam reciprocamente e o que ele encontra é sempre uma representação atual do passado. Assim, as lembranças são imagens que vencem as distâncias do tempo, trazendo um fardo de conhecimento, de experiências que são modeladas pela conjuntura e pela vivência individual de cada lavrador.

Além disso, a narração denota também que a fé e a experiência no trabalho com a terra são repassadas de pai para filho como herança; certamente, um dos poucos legados que deixam. Na vida desses homens, a escolaridade, o desempenho de outra ocupação quase não têm espaço. Ser lavrador parece ser a “vocação” de todos eles. Será que as estrelas do Cruzeiro já lhes apontavam esse caminho? Não entendo assim. É verdade que o amor ao trabalho com a terra, a experiência de lavar, plantar, colher, uma vida mais próxima da natureza e a utopia de um “Porto das Esperanças” são perpetuados através de narração, crenças, hábitos e normas éticas⁷ e persistem na memória deles. Contudo, isso não faz com que fiquem presos às linhas do “destino”. Essas tradições são interrompidas e, posteriormente, recriadas no “novo lugar”, com o tempo se manifestando cheio de interrupções, de um ir e vir constante, de um arrancar e de reconstruir o que se arrancou.

Olho para trás, observo que os lavradores de Indaiá deram diferentes cores aos bordados de suas vidas, embora o façam sobre um risco que lhes é comum – o apego à terra, a suas tradições. Alguns já participaram de outras “ocupações”, para outros, a “ocupação” da fazenda Itaçu foi a primeira experiência de luta. Alguns já tiveram um pedaço de chão, outros nunca o tiveram. São esses diferentes caminhos que aqueles lavradores deram às suas vidas que me fazem entender que o momento histórico, através dos seres humanos, contém em si múltiplas possibilidades e que os homens, enquanto sujeitos sociais, escolhem os rumos que querem dar a suas vidas, afastando-se, assim, do traçado linear do “destino”.

Esses trabalhadores foram e são fortemente alcançados pela torrente de injustiças sem limite e pela forte exploração que reina no Brasil, o que dificulta a oportunidade de se tornarem sujeitos sociais. No entanto, esses obstáculos nunca os impediram de lutar para mostrar que o tempo da sujeição estava vencido, que são capazes de se organizar, pressionar e conseguir algumas vitórias. Como exemplo, temos diversas lutas sociais que se desenvolveram no campo, como Trombas e Formoso, em Goiás,⁸ as ligas camponesas do Araguaia, em Goiás,⁹ dentre muitas outras.

No cotidiano do assentamento, sobretudo no cair da tarde, ouvi vários narradores repassarem muitos ensinamentos. O Sr. Eurípedes, no meio de uma longa narração, colocou: “(...) esse vento que vem do nascente para o poente indica seca”. D. Ilma, sabiamente, dizia: “Amanhã vai fazer frio porque aquela mancha vermelha no céu quer dizer muito frio”. O Sr. Neri também, orgulhosamente, passava o seu conhecimento sobre as terras de Indaiá: “(...) não se pode plantar arroz e nem milho naquela parte baixa porque lá não tem força na terra”. Ouvi muitas narrativas e, com elas, muitas coisas aprendi, o que deixa claro, para mim, cada vez mais, a existência de uma multiplicidade de saberes que se complementam e, só assim, dão conta de um conhecimento histórico que seja plural.

Em cada fala, há um ensinamento e em cada ensinamento, muita sabedoria. Sabedoria de homens simples, de mãos calejadas, mas cujas vivências e sensações, muitas vezes, viram de ponta-cabeça certezas estabelecidas. É um saber que se contrapõe a outro saber absoluto, em que as vivências, as sensações, os afetos e os desafetos são levados em conta.¹⁰ É a história sendo edificada pelo próprio sujeito e por ele mesmo – sujeito-memorialista – narrada.

O Sr. Valdeci Batista compôs uma canção, intitulada “Nós não somos culpados”, quando eles ainda se encontravam na situação de “ocupantes” da área. Essa canção apresenta a vida de muitos trabalhadores de Indaiá que, antes de ali chegarem, passaram pela experiência de viver na cidade:

Não somos culpados
De ser operários
Para ganhar salário
Que não dá para nada

De tão congelado
Qual nossa comida
Que vai nas marmitas
Toda a madrugada

Onde um ou dois
Dá ordem a mil ou mais
Explorando muito
Para ganhar bastante

Não somos culpados
De ser tratados
No próprio país

Como estrangeiros
Que veio de longe
Sem saber de onde
Sem ter onde ir

Se a rede globo
Enganou a todos
Dando a nossa pátria
Um colorido fumo

Mas a reforma agrária
Vamos implantar
Pois com muita garra
Iremos gritar:
Que é ocupar, resistir e produzir.

A letra dessa canção indica que os trabalhadores rurais, ao serem expulsos do campo, perdem a direção de suas vidas – não sabem de onde vêm e nem para onde ir. Assim, caem nas malhas da cidade, despreparados, profissional e psicologicamente, para enfrentá-la, e tornam-se operários. O baixo salário, o tempo do relógio, a marmita congelada, a chaminé e o apito das fábricas – bem como a compra do arroz, feijão, etc – apavoram-nos: “(...) não é vida para nós que nasceu na roça não. Lá é para gente que tem estudo”, declarou Eurípedes.

Na cidade, eles sentem o caos dos engarrafamentos de trânsito, a monotonia das casas idênticas e enfileiradas, a pressão agressiva de multidões de desconhecidos, sentem prevalecerem as relações de alugueis e juros, de *status* e de poder,¹¹ bem diferentes da vivência do campo. As experiências anteriores, vivenciadas no campo, são acrescidas de novas experiências, adquiridas na vida urbana, porém, jamais esquecidas. As lembranças do mundo rural, sem dúvida, são incorporadas à cultura da classe operária urbana através de inúmeras experiências pessoais. Contudo, o ideal de volta à terra persistia no mundo de significações imaginárias daqueles lavradores¹² e a reforma agrária continuava presente em suas utopias. Vários depoimentos, no decorrer deste trabalho, mostram: “Nosso sonho é a reforma agrária”, como colocou Gonçalves.

A letra dessa música mostra também que eles clamam pela dignidade de todos aqueles que trabalham, pois somente dessa forma poderão sentir-se, realmente, brasileiros. Aparentam que os meios de comunicação de massa (sobretudo a Rede Globo) manipularam a vontade da sociedade brasileira na eleição presidencial, em 1989, a favor do ex-presidente Fernando Collor de Mello, numa tentativa de controlar os grupos oprimidos em momentos

estratégicos de decisão política, evitando sua presença independente na história. Esses lavradores, bem como quase toda a sociedade brasileira, tiveram as esperanças dilaceradas, sentiram-se excluídos dos rumos da história brasileira.

Vale lembrar que, nessas eleições, a força do poder do capital se fez presente nos meios de comunicação de massa, sobretudo na Rede Globo de televisão. Esta atuou sobre a imaginação dos cidadãos, buscando forjar na sociedade brasileira um comportamento coletivo, segundo seus interesses – eleger Fernando Collor de Mello. Era o poder do capital se exercendo em detrimento da maioria da sociedade. Isso demonstra que governar é, antes de tudo, fazer crer, estimular as crenças comuns que exprimem o sentimento de existência da coletividade. Assim, percebe-se que a imaginação e o poder estão intimamente inter-relacionados e aquele que distribui, difunde, impõe imagens é o governante dos homens e das “coisas”, é quem manda.¹³

É importante observar que esses compositores não tinham a preocupação de fazer suas melodias circularem pelas cidades, utilizando os meios disponíveis de divulgação. Mas elas devem ser entendidas como resistência e/ou crítica à sujeição em que vivem. Nesse sentido, a música produzida por eles sofreu os mesmos reveses da música popular brasileira – cerceamento das produções musicais, fuga de compositores para o exterior, como Chico Buarque, Geraldo Vandré e muitos outros.¹⁴

O gênero dessa música aproxima-se do “rasqueado estilo paraguaio”¹⁵ e o violão é o instrumento de acompanhamento favorito.

Tais trabalhadores, sem dúvida, utilizaram esse gênero musical pela continuidade sociocultural da área de fronteira paraguaio-brasileira, marcada pelas semelhanças da paisagem e da vida às margens do Rio Paraguai. E ainda pela presença de boiadeiros e peões que conduziam boiadas da região cuiabana e das barrancas do rio Paraguai rumo a São Paulo e, com eles, levavam a notícia sonora daquele gênero musical popular no Paraguai.¹⁶

Em suma, os relatos e as letras das músicas – matéria lembrada – mostram que o modo de recordar é, ao mesmo tempo, individual e coletivo: os ancestrais transmitem a sua fé no trabalho junto à terra, seus saberes, suas tradições, mas o recebedor, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória social e conferindo-lhe um significado próprio. Nesse sentido, as tradições que os outros lhe trazem são reconstruídas sobre uma base comum.¹⁷

Os relatos dos Srs. Gonçalo e Valdir foram narrados com muitas pausas e entrecortados de silêncio; falavam de suas crenças, vivências, de hábitos, do lugar onde nasceram e que os viu crescer. Foi uma conversa evocativa, perpassada pelo sentimento, pelo afeto e pelo orgulho de ainda serem lavradores, a despeito de todas as aflições já vividas. E é esse sentimento, acompanhado da reflexão, que faz com que as evocações não sejam meras

transformações do outrora. As narrações e as canções fazem perceber a opressão que se delinea sobre todos na forma de trabalhadores rurais, como se nesses viessem a se concentrar todas as formas de exploração. Gonçalo relatou que, com seu trabalho, deixou muitos patrões ricos, e Valdir ressaltou que, no campo, a criança, desde muito cedo, integra a força de trabalho familiar. Na letra da música de Valdeci Batista, ele comentou os infortúnios e as agonias dos trabalhadores pelos baixos salários, pelas marmitas congeladas, pelo trabalho que vai render lucro ao patrão, pela negação de sua cidadania e pela insistência da apropriação de seus saberes. Assim, todos lembram, no presente, um passado de amarguras.

A migração, a utilização da força de trabalho da criança, a marmita congelada, a falta de respeito a esses trabalhadores enquanto cidadãos, a expropriação de seus saberes, além da manipulação de suas crenças são diferentes formas de opressão a que estão submetidos. Nas suas evocações, estão presentes a figura do patrão, as imagens dos meios de comunicação de massa que se impõem em detrimento da maioria dos cidadãos. Assim, a sociedade, para eles, irrompe-se dividida em classes sociais. Porém, não é a heterogeneidade da sociedade e nem os poderes que nela se pulverizam que os impedem de, em silêncio, palmilhar seu caminho sem volta na cena da história, de continuar tecendo na noite, sob tempo difícil, o seu futuro, em cujas brechas esperam passar à salvação.

A cada passo, esses trabalhadores vão compondo o bordado de suas vidas, levando em conta os ensinamentos, as tradições, os desejos – eco de vozes que já emudeceram, seus ancestrais –, repassando-os aos descendentes, propiciando a essas vozes sua perpetuação nas gerações futuras. Caminhada que se faz na noite preta de resistência e de inutilidade para aqueles que crêem que a luta contra o avanço histórico, supostamente representado pela expansão capitalista, é uma ilusão. Tempo difícil, mas também de alegrias e sonhos. E, assim, nessa caminhada árdua, porém muito terna, porque cheia de emoção, eles vão preservando e reconstruindo a relação mítica¹⁸ que estabelecem com a terra.

Contudo, o que passou não se afigura, entre eles, como igual. Uns trabalhadores nunca tiveram outra ocupação senão a de lavradores, outros perambularam pelas cidades, aprendendo diferentes profissões – pedreiro, marceneiro – e muitos não passaram de bóias-frias. Alguns procediam do Nordeste, outros do Norte e do Sudeste do país, uns vivenciaram práticas associativas, muitos participaram de lutas pela terra, anteriormente, e outros tantos nunca tiveram tais experiências. A matéria do passado que cada um carregava, portanto, continha experiências, cultura, memórias e receios diferenciados – particularizados para cada um deles. Nesse sentido, percebi que tanto o acampamento quanto o assentamento são espaços “transregionais”, onde as diferentes experiências do passado foram reconstruídas e iluminam as experiências futuras.¹⁹

Desse modo, o assentamento foi trabalhado como um espaço de fronteira, no qual a luta pela terra insiste em continuar presente, e não como um ponto de chegada, onde aquela terminara.²⁰

Recebido em agosto/2003; aprovado em setembro/2003

Notas

* Professora do Departamento de História da UnB.

¹ MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987, p. 26.

² Sobre a revolta de Porecatu, ver: GOMES, Lanoni Iria. *Revolta dos posseiros*. Curitiba, Edições Criar, 1986; FOWERAKER, Joe. *A luta pela terra*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

³ A respeito da relação entre lutas do presente e projetos derrotados no passado, ver: BENJAMIM, Walter. "Sobre o conceito de história". In: *Obras escolhidas*. Trad. de Paulo Sérgio Rouanet. Vol. 1, São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 224 e 225.

⁴ TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. São Paulo, Art Editora, 1991, p. 183.

⁵ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo, Cia. das Letras, 1989. pp. 392 e 393.

⁶ Sistema de trabalho em que a relação de dominação do proprietário sobre o trabalhador se realiza através da entrega, pelo lavrador, de 45% a 50% de sua produção agrícola, além de deixar a terra destocada. Informação colhida na pesquisa de campo. Agosto de 1991.

⁷ Sobre a relação tradição, costumes, hábitos, ritos, crenças e normas éticas, ver: FINLEY, M. I. *Uso e abuso da história*. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo, Martins Fontes, 1989. pp. 35 e 36.

⁸ Sobre Trombas e Formoso, ver FERNANDES, Maria Esperança. *A Revolta de Trombas e Formoso*. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1986.

⁹ Sobre as ligas camponesas do Araguaia, ver CAMARGO, Aspásia. *Mouvement Paysan - Brésil Nord Est*. Tese de doutorado, Universidade de Paris III. Paris, 1979, mimeo.

¹⁰ MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. Trad. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 86.

¹¹ Ver WILLIAMS, Raymond, op. cit., pp. 61 e 62.

¹² THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, pp. 63 e 64.

¹³ DURAND, Gilbert. "Exploração do imaginário". In: PITTEr, Danielle Perin Rocha (org.). *O imaginário e a simbologia da passagem*. Recife, Massangana, 1984. pp. 48 e 49.

¹⁴ TINHORÃO, José Ramos. *Música popular, um tema em debate*. Rio de Janeiro, Saga, 1986, pp. 24-26.

- ¹⁵ Gênero musical paraguaio incorporado ao repertório da música popular brasileira em 1952. Ver TINHORÃO, José Ramos, op. cit. Ver também: VASCONCELOS, Gilberto. *Música popular, de olho na fresta*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.
- ¹⁶ TINHORÃO, op. cit., pp. 273 e 274.
- ¹⁷ HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo, Vertice, pp. 36-38.
- ¹⁸ RODRIGUES, Antônio Medina. *As utopias gregas*. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 33.
- ¹⁹ SILVA, Marcos A. da. A história e seus limites. In: *Revista História & Perspectiva*, Departamento de História, Universidade Federal de Uberlândia, jan./jun. 1992, p. 58.
- ²⁰ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001, p. 19.